

soando a sentença "patere lequam ipse tulisti". Foi assim que o cristianismo enquanto dogma, foi arruinado pela sua própria moral; do mesmo modo, o cristianismo enquanto moral também deverá entrar em decadência: nós nós achamos no limiar d'êste último acontecimento. O instinto cristão da verdade, de dedução em dedução, de sentença em sentença, chegará finalmente à sua *mais temível* dedução, à sua sentença contra si mesmo; mas isto só acontecerá quando êle formular a seguinte questão: "*que significa a vontade de verdade?*" ... E eis-me de volta ao meu problema, ao nosso problema, oh! meus amigos *desconhecidos* (pois eu ainda não conheço nenhum dos meus amigos); qual será o sentido de toda nossa existência se não o de que essa vontade de verdade chega, em nós, a tomar consciência dela mesma, enquanto problema?... A vontade da verdade, uma vez consciente de si mesma, será, não há dúvida alguma, a *morte* da moral; êste é o grandioso espetáculo em cem atos, reservado para os dois próximos séculos de história européia, espetáculo terrificante entre todos, mas talvez o mais fecundo em magníficas esperanças... (*Genealogia da Moral*).

Nietzsche, Da Utilidade e dos Inconvenientes
dos Estudos Históricos

(EXCERTOS SELECIONADOS POR HEINRICH MANN)
CAPÍTULO II

CRÍTICA DA CULTURA

DA UTILIDADE E DOS INCONVENIENTES DOS ESTUDOS HISTÓRICOS

O ponto de vista histórico é tão necessário à saúde de um indivíduo, de um povo, de uma civilização, quanto o ponto de vista anti-histórico.

...O homem ativo, confundido com os ociosos, fracos e sem esperança, entre companheiros só aparentemente ocupados, mas que não fazem outra coisa senão se agitar e se debater, o homem ativo precisa olhar para trás a fim de não ser invadido pelo desespero e pela repugnância. Para tomar alento, interrompe sua marcha em direção ao objetivo que se propôs. Esse objetivo é uma felicidade qualquer, talvez não seja nem mesmo a sua; a maior parte das vezes é a felicidade de um povo, ou da humanidade toda. O homem ativo recua em face da resignação, e a história lhe proporciona um remédio contra a resignação. O mais das vezes nenhuma recompensa o espera, a não ser a glória, isto é, a esperança de um lugar de honra no templo da história, onde para todos aqueles que vierem mais tarde, poderá então ser êle mesmo, mestre, consolador e conselheiro. Pois a sua intuição lhe diz que aquilo que foi outrora capaz de dilatar a concepção do homem e realizá-la com mais beleza, deverá existir eternamente, para ser eternamente capaz da mesma coisa. Que os grandes momentos na luta dos indivíduos formem uma cadeia, que os cumes da humanidade se unam nas alturas através de milhares de anos, que, para mim o que há de mais elevado em cada um desses momentos passados há tanto tempo seja ainda vivo, claro e grande — eis a idéia fundamental dissimulada na fé na humanidade, idéia que se exprime através da reivindicação de uma *história monumental*.

...A história pertence, em segundo lugar, a quem a conserva e venera, àquele que, com fidelidade e amor, volta seu olhar para o lugar de onde veio e onde se formou. Por essa devoção paga, de certo modo, uma dívida de gratidão que contraiu com a sua própria vida. Cultivando com delicadeza o que sempre existiu, quer conservar, para os que vierem depois dele, as condições em que nasceu, servindo desse modo a vida. O patrimônio dos antepassados, em um espírito assim, recebe uma nova interpretação da propriedade pois agora é dele o seu proprietário. Tudo aquilo que é pequeno, insignificante, envelhecido, prestes a se desfazer em poeira, adquiro um caráter de dignidade e de intangibilidade pelo fato da alma veneradora e conservadora do "homem antiquário" para lá se transportar e lá eleger domicílio. A história de sua cidade natal torna-se a sua própria história. O muro da vila, a porta com a sua velha torre, as ordenações municipais, as festas populares, são para ela uma espécie de crônica ilustrada de sua própria mocidade, a região onde se reencontra, onde descobre sua própria força, sua atividade, sua alegria, sua crítica, sua loucura e sua má conduta. Aí é que era gostoso viver, diz ele, pois viver é bom; aqui nós vamos viver por viver, pois somos tenazes e não seremos destruídos em uma noite. Dizendo nós, olha além da vida individual perecível e singular, sentindo-se, ele próprio, a alma do lar, da raça e da cidade. Acontece-lhe, às vezes saudar, acima dos séculos esfumados e confusos, o espírito de seu povo, como se fôra o seu próprio espírito. Sentir e pressentir através das coisas, seguir os rastros quase apagados; ler intuitivamente bem o passado, por mais apagados que estejam os caracteres, compreender os palimpsestos e mesmo os políptegos, eis os seus dons e suas virtudes. Goethe os possuía quando contemplava o monumento do Ervin de Steinbach (2). A impetuosidade de seu sentimento rasgou o véu da nuvem histórica que o separava do passado. Contemplou novamente, pela primeira vez, a obra alemã "manifestando-se através de uma forte e rude alma alemã". Um senso semelhante a esse guiou os italianos do Renascimento, despertando nêles o antigo gênio da Itália, "ressonância maravilhosa do eterno jôgo de acordes", como diz Jacob Burckardt.

(2) A catedral de Strasburgo.

...Há sempre um perigo próximo. Tudo o que é antigo, tudo o que pertence ao passado e que o horizonte pode envolver, acaba sendo considerado igualmente venerável; por outro lado, tudo o que não reconhece o caráter venerável de todas essas coisas de outrora, é rejeitado e combatido. Foi tudo o que se está tornando, é rejeitado e combatido. Foi assim que os gregos, eles próprios, toleraram, ao lado do estilo livre e grande, o estilo hierático de suas artes plásticas, aceitando, mais tarde, a ponto de transformar em prazer sensual, o nariz pontudo e o sorriso glacial. Quando o senso de um povo se endurece a esse ponto, quando a história serve à vida passada a ponto de minar a vida presente e sobretudo a vida superior, quando o sentido histórico não conserva mais a vida porém a mumifica, é então que a árvore morre, e de um modo que não é natural, começando pelos ramos até descer à raiz, de sorte que a própria raiz, acaba perecendo. O mesmo acontece com a história antiquária que também degenera a partir do momento em que o ar vivificante do presente não anima e não inspira mais.

...Aqui aparece claramente quanto é necessário ao homem acrescentar aos dois modos de considerar a história, o *monimental* e o *antiquário*, um terceiro modo, o *crítico*, e colocá-lo, também, a serviço da vida. Para poder viver o homem deve possuir a força de quebrar um passado e de destruí-lo, e é preciso que empregue essa força periodicamente. Consegue isso arrastando o passado para o tribunal da justiça, acusando-o severamente e, finalmente condenando-o. Ora, qualquer passado merece ser destruído, pois assim acontece com as coisas humanas: nêles, a força e a fragueza humanas sempre foram poderosas. Aqui, não é a justiça que julga, e ainda menos a graça. É a vida, exclusivamente a vida, essa força obscura que impele e que se deseja insaciavelmente. Sua sentença é sempre rigorosa, sempre injusta, porque nunca se origina da fonte pura do conhecimento; entretanto, na maior parte das vezes, a sentença seria a mesma se a própria justiça a pronunciasse. "Pois tudo o que nasce é digno de desaparecer. E por isso, seria melhor que não houvesse nascimentos." É preciso ter muita força para poder viver e também para esquecer até que ponto viver e ser injusto são a mesma coisa.

...Eis os serviços que os estudos históricos podem prestar à sua vida. Cada homem, cada povo, de acordo com seus

fins, suas forças e suas necessidades, precisa de um certo conhecimento do passado, ou sob a forma de *história monumental*, de *história antiquária* ou de *história crítica*; mas não como o necessitaria um grupo de puros pensadores que se limitam a contemplar a vida, como os indivíduos ávidos de saber e que só se podem satisfazer com o saber, para os quais o aumento dos conhecimentos é o fim de todos os esforços, sempre orientados, entretanto, em direção à vida e sob o seu domínio e controle supremos. Essa é a relação natural de uma época, de uma cultura e de um povo para com a história, relação provocada pela fome, regulada pelas necessidades e limitada pela força plástica inerente. O conhecimento do passado só é desejável quando se põe a serviço do passado e do presente, e não quando enfraquece o presente e arranca os germes vivos do futuro. Tudo isto é simples, simples como a verdade, capaz de convencer mesmo aqueles que não se querem dar ao trabalho da demonstração histórica.

E agora lancemos um rápido olhar sobre o nosso tempo. Recuamos espantados. Onde a clareza, a naturalidade e a pureza dessa relação entre a história e a vida? O problema se agita agora diante de nós em toda sua desordem, em todo seu exágere e em toda sua confusão. Será culpa de nós outros, os contempladores? Ou a constelação da vida e da história se terá realmente transformado, pelo fato dum astro poderoso e inimigo se ter introduzido nela? Que outros nos mostrem que erramos; nós queremos dizer o que acreditamos ver. De fato, um novo astro se introduziu. A constelação se transformou realmente, e isso por meio da ciência pela pretensão de fazer da história uma ciência. E assim não é mais a vida que domina o conhecimento e o passado. Todos os limites foram destruídos e tudo o que existiu outrora se precipita sobre o homem. As perspectivas se deslocam para a noite dos tempos, ao infinito, onde quer tenha existido um transitório. Nenhuma geração viu semelhante espetáculo que não pode ser dominado pelo olhar, e que nos é oferecido pela história, a ciência do "devenir" universal. É verdade que ela o exhibe com a perigosa audácia de sua divisa: *fiat veritas, pereat vita*.

Essa saturação de uma época pela história será perigosa e hostil à vida de cinco maneiras diferentes. O excesso de estudos históricos produz o contraste analisado acima entre o ser íntimo e o mundo exterior, enfraquecendo assim a perso-

nalidade. O excesso de estudos históricos faz nascer, em uma época, a ilusão de que ela possui, mais do que qualquer outra, essa virtude, a mais rara de todas, que é a justiça. O excesso de estudos históricos perturba os instintos do povo e impede o indivíduo assim como a totalidade de atingirem a maturidade. O excesso de estudos históricos implanta a crença sempre prejudicial, na caducidade da espécie humana, a idéia de que nós somos seres tardios, epígonos. O excesso de estudos históricos desenvolve numa época um estado de espírito perigoso, o ceticismo, e esse outro estado de espírito mais perigoso ainda, o cinismo; e assim, a época se encaminha cada vez mais para um pragmatismo sábio e egoísta que acaba paralisando e destruindo a força vital.

Só devemos interpretar o passado através do que há de mais forte no presente. Somente pela extrema tensão de nossas faculdades mais nobres poderemos discernir aquilo que, no passado, é digno de ser conhecido e conservado, e somente por essa tensão poderemos adivinhar o que é grande. O semelhante pelo semelhante! De outra maneira rebaixaremos o passado do nosso próprio nível. Não acreditemos numa historiografia que não saia do pensamento dos cérebros mais raros; reconhecemos sempre a qualidade desses espíritos quando eles forem forçados a exprimir uma idéia geral ou repetir uma coisa universalmente conhecida. O verdadeiro historiador deve ter a força de transformar as coisas mais notórias em coisas surpreendentes, e de proclamar idéias gerais com tanta simplicidade e profundidade, que a sua profundidade faça esquecer a simplicidade e a simplicidade a profundidade.

...O sentido histórico, quando pode reinar sem entraves, e produzir todas as consequências do seu domínio, arranca as raízes do futuro, porque destrói as ilusões e priva as coisas existentes da atmosfera que as envolve e da qual precisam para viver. Por isso é que a justiça histórica, mesmo para quem a professa sob a inspiração dos sentimentos mais puros, é uma virtude terrível, pois solapa sempre pela base e destrói tudo o que é vivo. Para a justiça histórica, vulgar é sempre destruir. Quando, atrás do instinto histórico, não há um construtor em ação, quando não se destrói e desentulha a fim de que um futuro vivo em esperança estabeleça seu domicílio no solo livre, quando a justiça reina sôzinha, o instinto criador se enfraquece e se desencoraja. Uma religião, por exemplo,

que deve ser transformada em conhecimento histórico, uma religião que deve ser estudada peça por peça, cientificamente, uma vez concluído o estudo, estará, por isso mesmo, destruída. Toda verificação histórica traz à luz tantas coisas falsas, grossas, inumanas, absurdas, violentas, que, necessariamente, dissipa a atmosfera de ilusão devota indispensável ao desenvolvimento de tudo o que deseja viver. Pois o homem não pode criar senão com amor; protegido pela ilusão do amor, terá uma fé absoluta na perfeição e na justiça.

Tudo aquilo que obriga um homem a não mais amar de um modo absoluto, corta sua força pela raiz; fazendo-o definir e tornando-o insincero. Aos efeitos da história se opõem os efeitos da arte, e a história só pode conservar os instintos e talvez despertá-los, na medida em que suporta ser transformada em obra de arte, em produção artística. Ora, semelhante maneira de escrever a história estaria em absoluta contradição com a tendência analítica e antiartística de nossa época, que chegaria a ver nesse método uma falsificação. Mas os estudos históricos, que apenas destroem quando não são dirigidos por um profundo instinto criador, usam e deformam pouco a pouco seus instrumentos. Os historiadores destroem as ilusões e "aquêle que destrói as ilusões, nêle mesmo e nos outros, será punido pela natureza que é o mais severo dos tiranos".

... A crença de que se é um atrasado na época é realmente paralisante e capaz de provocar o mau humor; mas, quando uma crença semelhante, por uma ousada reviravolta, começa a divinizar esse ser atrasado, como se ele fôsse realmente o sentido e o fim de tudo o que se passou até então, como se a sua miséria sábia equivallesse a uma realização da história universal essa crença se torna terrível e destruidora.

Considerações dessa ordem acostumaram os alemães a falar de um "processo universal" e a justificar sua própria época, considerando-a como o resultado necessário desse processo universal. Semelhantes considerações destronaram as outras forças intelectuais, a arte e a religião, a fim de substituí-las pela história concebida como o "conceito que se realiza a si próprio", "dialética do espírito dos povos", e o "julgamento da humanidade".

Por irrisão, chamou-se essa interpretação hegeliana da história, a marcha de Deus sobre a terra, tendo sido o próprio

Deus também criado pela história. Esse deus dos historiadores só chegou a uma clara compreensão de si mesmo dentro dos limites que lhe foram traçados pelos cérebros hegelianos; já se elevou através de todos os graus de seu ser possível, do ponto de vista dialético, até esta auto-revelação, de tal sorte, que para Hegel, o ponto culminante e o ponto final do processo universal coincidiram com a sua própria existência em Berlim. Hegel deveria mesmo ter afirmado que tudo aquilo que viesse depois dêle só deveria ser considerado como uma ressonância musical do rondó universal, e, mais exatamente ainda, como qualquer coisa de superfluo. Hegel não afirmou isso, mas implantou gerações penetradas de sua doutrina essa admiração pelo "poder da história", que, praticamente, se transforma, a todo instante, numa admiração nua do êxito que leva à idolatria dos fatos. Para designar esse culto idólatra dos fatos, adotou-se agora esta expressão bastanc mitológica e, além disso, bastante alemã: "levar em consideração os fatos". Ora, aquêle que aprendeu a dobrar a nuca e abaixar a cabeça em face do "poder da história", terá sempre um gesto mecânico de aprovação, um gesto à chinesa, diante de qualquer espécie de poder, quer seja um governo, a opinião pública ou o maior número, movendo os seus membros de acôrdo com o compasso de um poder qualquer. Se todo sucesso traz consigo uma necessidade racional, se todo acontecimento é a vitória da lógica ou da "idéia", não nos resta outra coisa senão nos ajoelhamos para percorrer assim tôdas as formas do "êxito". Então não existirão mais mitologias soberanas? As religiões estarão em vias de desaparecimento? — Vêde a religião do poder histórico, tomai cuidado com os sacerdotes da mitologia das idéias e com os seus joelhos feridos! Tôdas as virtudes não formam também um cortejo a essa nova fé? Ou é por desinteresse que o homem histórico se deixa transformar em espelho histórico? Não é um ato de generosidade renunciar a todo poder, no céu e na terra, a fim de adorar em todo poder o poder em si? Não é um ato de justiça ter sempre na mão a balança das forças, observando de que lado ela se inclina? Que escola de conveniência, semelhante maneira de considerar a história! Considerar tudo do ponto de vista objetivo, não aborrecer com nada, não amar coisa alguma, tudo compreender, como isto nos torna humildes e simples! E mesmo quando alguém, educado nesta escola, se irritasse publicamente, ou se encolerizasse, todo mundo se alegraria, pois

ninguém ignora que se trata apenas do ponto de vista artístico e que, se é com *ira et studium*, é entretanto inteiramente *sine ira et studio*.

Quantas idéias decrépitas tenho no coração em face de um semelhante complexo de mitologia e de virtude! Mas é preciso que as exponha, pelo menos uma vez, ainda que riam delas. Direi, portanto, que a história sempre ensina: "Era uma vez..."; a moral, ao contrário: "Não deveis fazer" ou "Não deveis ter feito". Assim, a história se transforma num compêndio de imoralidade efetiva. Como se enganaria quem, ao mesmo tempo, considerasse a história como justiciera desta imoralidade efetiva! É uma ofensa à moral por exemplo, que Rafael tenha morrido aos trinta e seis anos. Um homem assim não deveria morrer... Ora, se quiserdes vir em auxílio da história como apologista dos fatos direis que Rafael exprimi tudo o que possuía em si; se tivesse vivido mais tempo só poderia ter criado a beleza, mas uma beleza semelhante e não uma beleza nova, etc... Vós vos tornais desse modo, os advogados do diaho, idolatrando o êxito, o "fato"; apesar do fato ser sempre estúpido, tendo sempre ser parecido muito mais com um boi do que com um deus.

...O excesso de estudos históricos enfraqueceu a força plástica da vida, tornando-a incapaz de se servir do passado como de um alimento substancial. O mal é terrível e, no entanto, se a mocidade não possuisse o dom clarividente da natureza, ninguém saberia que isto é um mal e que um paraiso de saúde foi perdido. Mas, essa mesma mocidade também adivinha, com o instinto curativo da mesma natureza, como esse paraiso pode ser reconquistado. A mocidade conhece os bálsamos e os medicamentos contra a doença histórica, contra os excessos de estudos históricos. E como se chamam esses bálsamos e êses medicamentos?

Pois bem, ninguém se surpreenda que eles tenham nomes de venenos. Os contravenenos do que é histórico são o *não-histórico* e o *supra-histórico*. Com essas expressões nós voltamos ao início de nossas considerações e aos seus fundamentos.

Com a expressão "não-histórico", designo a arte e a força de poder esquecer e de se encerrar em um "orizzonte" limitado. Chamo "supra-históricas" as forças que desviam o nosso olhar do transitório para aquilo que confere à existência seus caracteres de eternidade e de identidade, isto é, a *arte* e a

religião. A *ciência*, pois é ela que falaria de venenos, vê nessas forças, nessas energias, forças e energias inimigas, pois a ciência só considera verdadeiro e justo o exame das coisas, o exame científico que vê em toda parte um transitório, uma evolução histórica e não um ser, uma eternidade. A ciência vive em contradição íntima com as forças eternizadoras da arte e da religião, detestando o esquecimento, a morte do saber procurando suprimir os limites do horizonte a fim de lançar o homem no mar infinito e ilimitado cujas ondas brilham com a clara sabedoria do transitório.

Se ao menos o homem pudesse viver nesse mar! Assim como um tremor de terra devasta as cidades, enchendo-as de desolação, de sorte que é com angústia que os homens edificam suas casas sobre o terreno vulcânico, assim a própria vida se esboroa, se enfraquece e se acovarda, quando o *tremor dos conceitos* produzido pela ciência priva o homem do fundamento de sua segurança, de sua tranquilidade, da sua fé em tudo o que é duradouro e eterno. Ora, é a vida que deve dominar a ciência e o conhecimento ou o conhecimento que deve dominar a vida? Qual das duas forças é a maior e a decisiva? Ninguém poderá ter dúvida a esse respeito; a vida é a força superior e dominadora, pois o conhecimento, destruindo a vida, se destruiria a si próprio. O conhecimento pressupõe a vida e tem, portanto, na sua conservação, o mesmo interesse que têm todos os seres em sua própria preservação. Por isso o conhecimento precisa de uma instância e de uma vigilância superiores, uma *terapêutica da vida* deveria colocar-se imediatamente ao lado da ciência e uma das regras dessa terapêutica devira ensinar o seguinte: o anti-histórico e o supra-histórico são os antídotos naturais contra a invasão da vida pela história, contra a doença histórica. É possível que nós, doentes de história, também soframos com os antídotos. Mas isso não é uma prova contra a eficácia do tratamento indicado.

E aqui reconheço a missão dessa *mocidade*, dessa primeira geração de lutadores, e de matadores de serpentes, que deseja uma cultura e uma humanidade mais felizes e mais belas, apesar de só possuir um presentimento dessa felicidade futura, dessa beleza do futuro. Essa mocidade sofrerá ao mesmo tempo do mal e do antídoto. E no entanto, pode-se orgulhar de possuir uma saúde mais vigorosa e, em geral,

uma natureza mais natural do que a geração que a precede, a dos "homens" e dos "velhos" cultos de hoje. Mas a sua missão será a de abalar as noções da "saúde" e de "cultura", provocando o escárnio e o ódio contra esse monstruoso conceito híbrido. O sinal distinto de sua própria e vigorosa saúde estará precisamente em que essa mocidade não poderá servir-se, para determinar sua natureza, de nenhum conceito, de nenhum termo de capelinha em uso na linguagem corrente de hoje, contentando-se em estar convencida da sua força ativa e combativa, da sua capacidade de eliminação e da divisão, ostentando um sentimento da vida cada vez mais intenso. É possível contestar que essa mocidade já tenha cultura, mas que mocidade considerou isso um insulto? Podemos acusá-la de rudeza e de intemperança, mas ela ainda não é bastante velha e sábia para se moderar. Em primeiro lugar, não precisa fingir e defender uma cultura acabada, goza de todas as consolações e de todos os privilégios da mocidade e, antes de tudo, do privilégio da corajosa e temerária lealdade e da consolação entusiástica da esperança.

E como chegaremos a esse resultado? perguntarei. O deus delfico vos oferece, desde o início de vossa imagem, a sua sentença: "Conhece-te a ti mesmo". É uma sentença amena, pois esse deus "não esconde nem proclama mas apenas indica", como disse Heráclito. Para onde ele vos levará?

Houve séculos em que os gregos se acharam expostos a um perigo semelhante ao que nos ameaça, ao perigo de serem invadidos por aquilo que pertence ao estrangeiro e ao passado, ao perigo de morrer pela história. Nunca viveram num orgulhoso exclusivismo. Ao contrário, durante muito tempo a sua cultura foi um caos de formas e de concepções exóticas semíticas, babilônicas, lídicas e egípcias, e sua religião uma verdadeira guerra dos deuses de todo o Oriente, assim como atualmente, a "cultura alemã" e sua religião não passam de um caos agitado, em luta permanente, de tudo o que é estrangeiro e de tudo o que pertence ao passado. Ora, apesar de tudo isso, e graças à sentença apolínea, a cultura grega não se tornou um simples agregado. Os gregos aprenderam pouco a pouco a *organizar o caos*, lembrando-se, de acordo com a doutrina delfica, deles mesmos, isto é, de suas verdadeiras necessidades, e deixando perecer as necessidades aparentes. Dêsse modo, tornaram a entrar na posse de si mesmos. Não foram durante muito tempo os herdeiros sobrecarregados e os epígo-

nos de todo o Oriente; tornaram-se, depois de uma luta difícil contra êles mesmos e interpretando praticamente o conselho delfico, os herdeiros felizes daquele tesouro, que souberam enriquecer e fazer frutificar, precursores e modelos de todos os povos civilizados do futuro.

Isto é um símbolo que vale para todos nós. É preciso, que cada um organize o seu próprio caos, voltando-se para si mesmo a fim de lembrar de suas verdadeiras necessidades. Sua lealdade, seu caráter sério e varídico se insurgirão contra os que se resignam a repetir, reaprender e imitar. Começará então a compreender que a cultura pode ser alguma coisa mais do que a *decoração da vida*, o que, aliás, no fundo, não passaria de simulação e hipocrisia. Pois todo enfeite esconde, aquilo que é enfeitado.

Assim se revelará aos seus olhos a concepção grega da cultura, em oposição à cultura romana; a concepção da cultura como uma nova natureza, de uma natureza aperfeiçoada, sem interior e exterior, sem máscaras e sem convenções, da cultura como uma harmonia entre a vida e o pensamento, a parência e a vontade. Aprenderá dêsse modo, por experiência própria, o que foi a força superior da natureza *moral* que permitiu aos gregos vencerem todas as outras culturas; e aprenderá também, que todo aumento de veracidade deve servir a preparar e ativar a verdadeira civilização, mesmo se essa veracidade puder prejudicar seriamente a disciplina que, em um dado momento, goza da estima geral; mesmo se essa autenticidade ajudar a derrubar uma cultura puramente decorativa. (*Considerações Inatuais*).

A EUROPA, OS ALEMÃES, WAGNER

Encaremos a questão pela sua outra face: não é apenas evidente que a cultura alemã está em decadência; não faltam razões bastantes para que assim seja. Afinal de contas a ninguém é permitido gastar mais do que possui e isso é válido tanto para as pessoas como para os povos. Se nos gastamos em benefício do poder, da grande política, da economia, do comércio internacional, do parlamentarismo, dos interesses militares; se dissipamos dêsse lado a dose de razão, de seriedade, de vontade, de autodomínio que possuímos, o outro lado há